

## RESENHA

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006. 349 p.

*Abelardo Bento Araújo\**  
*Maria Aparecida da Silva\*\**

*Condição Pós-moderna*, de autoria de David Harvey, é uma obra que se tornou referência acadêmica para diversas áreas, entre elas a educação. Já se vão vinte e três anos desde sua publicação, em 1989, e a obra continua atual. Trata-se de uma pesquisa histórica das raízes do que tem sido essa desestabilizadora fase do desenvolvimento econômico, político e cultural que vem sendo chamada de pós-modernismo. A tese de Harvey é de que há algum tipo de relação entre a ascensão de formas culturais pós-modernas, a emergência de modos mais flexíveis de acumulação e um novo ciclo de compressão do tempo-espço na organização do capitalismo. Tendo em conta as regras de acumulação capitalistas e a manutenção delas, o autor considera que essas mudanças não implicam em transformações em direção a uma sociedade pós-capitalista ou pós-industrial.

Harvey questiona o que é o pós-modernismo, sugerindo a identificação desse movimento com o afastamento do que possa ser chamado de modernista. Dada a complexidade do termo, que, aliás, ajuda a justificar a realização do livro, o autor apenas indica que o pós-modernismo está marcado pela fragmentação, indeterminação e desconfiança dos discursos universais modernistas.

O livro se divide em quatro partes, a saber: 1) Passagem da modernidade e pós-modernidade na cultura contemporânea; 2) A

---

\* Mestrado em andamento em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG). E-mail: belo20rpm@yahoo.com.br

\*\* Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Adjunto IV aposentada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: masilva988@hotmail.com

transformação político-econômica do capitalismo ao final do século XX; 3) A experiência do espaço e do tempo e 4) A condição pós-moderna.

Na primeira parte, apresenta-se o levantamento das ideias dominantes sobre pós-modernismo, caracterizado pelo autor como “campo minado”. Ao tratar da origem do pós-modernismo, Harvey aponta para o contexto das reivindicações dos anos 1960 e da contestação da fixidez do pensamento iluminista, em que surgem movimentos de contracultura e antimodernos baseados nos princípios da autorrealização, de uma neoesquerda, que se opunha à racionalização técnico-burocrática. Coerente com a proposta que apresenta no título do capítulo – desconstruindo a crítica pós-modernista – o autor afirma que “há mais continuidade do que diferença entre a ampla história do modernismo e o movimento denominado pós-moderno” (HARVEY, 2006, p. 113).

Examinam-se, na segunda parte, os fundamentos político-econômicos da mudança. Nessa parte, o autor salienta a profundidade e a importância das transformações na economia política do capitalismo no final do século XX. Analisa, no fordismo, a preocupação com o consumo de massa, para além da produção em massa, destacando a necessária atuação do Estado na projeção desse modelo de desenvolvimento. O fordismo tanto se apoiou como contribuiu para a estética modernista, particularmente em relação à funcionalidade e à eficiência, mas sua rigidez e a corrosão das bases fiscais do Estado implicariam, mais tarde, em uma ampla reestruturação social e política.

O modelo flexível de desenvolvimento envolveu desde a compressão do espaço-tempo por meio das tecnologias, até a reorganização política mundial, no sentido do “capital sem fronteira”, tendo sua marca mais significativa nas mudanças do mundo do trabalho por meio da desorganização. Isso significou a demonstração da capacidade do capitalismo de organizar-se pela desorganização. Harvey cogita ser a flexibilidade antes consequência do que causa da busca por alternativas, inscrevendo-a na perspectiva dos reparos temporário-espaciais das crises do capital.

A parte 3 explora a experiência do tempo e do espaço – vínculo mediador entre o desenvolvimento histórico-geográfico do capitalismo e os processos de produção cultural e transformação ideológica – a fim

de esclarecer vínculos materiais entre processos político-econômicos e processos culturais. O autor aceita, inicialmente, a proposição de Frederic Jameson, ao associar a crise da experiência espaço-temporal à mudança pós-moderna, apontando para a substituição das categorias temporais modernas pelas espaciais. A proposta de Harvey é superar o hiato entre a mudança cultural e a dinâmica da economia política por meio de estruturas interpretativas gerais, encontrando um ponto de apoio que permita discutir mais profundamente a experiência cambiante do espaço na história do modernismo e do pós-modernismo.

Harvey argumenta que o domínio do espaço e do tempo é fundamental na busca do lucro. O dinheiro pode ser usado para dominar o tempo (dos trabalhadores) e o espaço, assim como o domínio do espaço e do tempo podem se converter em dinheiro. Há, portanto, interdependência entre o sentido do dinheiro, do tempo e do espaço. Se isso é verdade, é sempre possível buscar lucro alterando os modos de uso e de definição do tempo e do espaço. As transformações com relação à formação do trabalhador (construção e desconstrução acelerada de habilidades dos trabalhadores) é outro aspecto que reflete o potencial de controle por meio do tempo. A internalização do sentido de tempo tanto foi favorável como contrária à burguesia, pois dela dependeram tanto o controle sobre o tempo de trabalho como as reações dos trabalhadores ao controle.

O autor explora então a tese da alteração no sentido de tempo e de espaço provocada pela crise de experiência do espaço e do tempo. A ideia de tempo progressivo e retilíneo foi sistematicamente abalada, cedendo espaço à ideia do tempo cíclico, dos ciclos econômicos. O sentido de espaço mudara em face da integração econômica, capaz de fazer uma crise atingir todo um continente a um só tempo. A natureza e o significado do dinheiro também entraram em crise pela tensão entre dinheiro de crédito e dinheiro em espécie, alterando o sentido de tempo (taxa de retorno dos investimentos). Harvey pretende apreender aí até que ponto o modernismo é uma resposta à crise de experiência do espaço-tempo, partindo do pressuposto que as transformações atingem as formas de representação, como a literatura e a arte. Se o modernismo nasce de uma crise da experiência do espaço-tempo, o pós-modernismo pode ser uma resposta a uma nova rodada da “compressão do tempo-espaço” (p. 256).

A diversificação de valores, a emergência da mentalidade esquizofrênica e a busca pelo poder são aspectos destacados por Harvey como próprios da vida pós-moderna, influenciada pelas mudanças ocorridas na sociedade e na economia. A criação de imagens de produtos e de pessoas é analisada pelo autor por ser um ponto utilizado por autores pós-modernistas para apontar a ultrapassagem da teoria marxiana. Segundo Harvey, a produção de imagens tem características peculiares e relevantes, mas podem ser analisadas à luz da teoria marxiana, tal como os mercados da terra e da força de trabalho, interpretando a mudança sob a perspectiva materialista histórica.

Harvey analisa ainda a compressão tempo-espaço no cinema pós-moderno. Em *Asas do desejo*, de Wim Wenders, e em *Blade Runner*, de Ridley Scott, o autor mostra a descartabilidade e a exigência da flexibilidade do trabalhador, mediante a análise da estratégia de criação de força de trabalho por meio de réplicas humanas. Aponta, nessas obras, a desconstrução da identidade no tempo infinito e fragmentado.

A obra culmina na parte 4, com a análise da condição pós-moderna como condição histórica. Harvey afirma que as práticas culturais e estéticas são mais suscetíveis às mudanças na experiência espaço-temporal, por envolverem a construção de representações e artefatos espaciais. Era de se esperar, então, uma “virada” para as forças culturais, seja como forma de explicar o que está acontecendo ou como forma concreta de realidade, porém o autor mostra que mudanças desse tipo não são novas, colocando-as no plano da análise materialista histórica. A crítica de Harvey ao pós-modernismo, nesse sentido, diz respeito à autonomia da vida cultural em relação aos aspectos econômicos.

A crítica principal de Harvey é ao pós-modernismo como forma de interpretar o mundo, por (i) reduzir o conhecimento e o significado a um conjunto desordenado de significantes; (ii) representar a complexidade do mundo em proposições retóricas simplificadoras; (iii) deslizar para o paroquialismo em face das forças universalizantes do capitalismo, com risco de cair no sectarismo e inverter o respeito pelos outros em competição. O autor aponta saídas para a crise pela qual passa o materialismo histórico no que tange: (i) ao tratamento da diferença e da alteridade que deveria estar onipresente em toda tentativa de apreensão

da dialética da mudança social; (ii) à produção de imagens e de discursos, que é faceta importante da atividade e merece análise cuidadosa como parte integrante da reprodução e da transformação da ordem simbólica; (iii) ao reconhecimento das dimensões tempo e espaço como relevantes na determinação das geografias, redes de ação social, territórios e espaços de poder reais e metafóricos, como forças organizadoras na geopolítica do capitalismo, que tem que ser compreendido tanto em si mesmo como no âmbito da lógica global do desenvolvimento capitalista e (iv) o resgate do materialismo histórico-geográfico como modo de pesquisa aberto e dialético, pois a metateoria não é uma afirmação da verdade total, mas a tentativa de chegar a um acordo com as verdades históricas e geográficas que caracterizam o capitalismo em geral e na fase atual.

No último capítulo, Harvey expõe as contradições do pós-modernismo e as evidências da possibilidade de sua autodestruição ou dissolução em algo diferente. Diante das ideias de retomada do classicismo e da sugestão da trilha do caminho dos modernos, Harvey encerra posicionando-se a favor do modernismo, no qual a visão do futuro e da transformação dele são mais importantes.

*Data de registro: 12/09/2011*

*Data de aceite: 19/10/2011*